

O premiado Grupo
Corpo volta aos
palcos cariocas

PÁGINA 10



Paraty é a capital
do jazz neste
fim de semana

PÁGINA 12



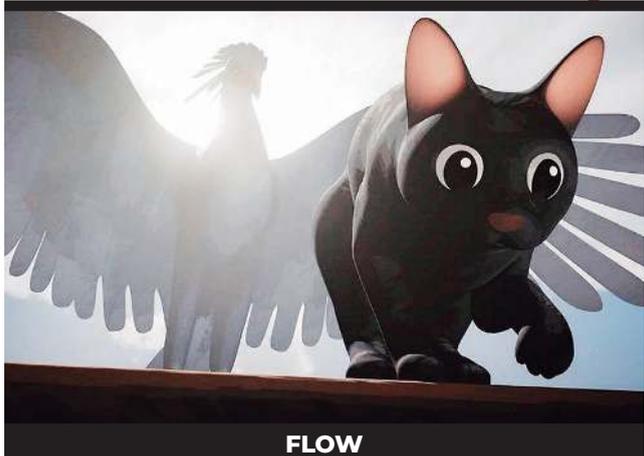
Conheça os novos
estrelados pelo
Guia Michelin

PÁGINA 16

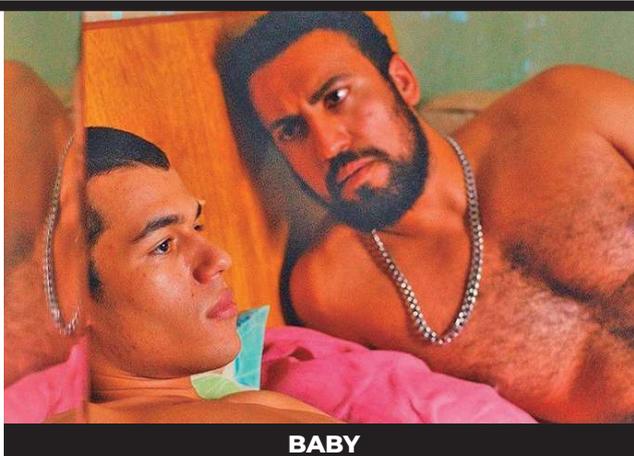


2º CADERNO

EDIÇÃO DE FIM DE SEMANA



FLOW

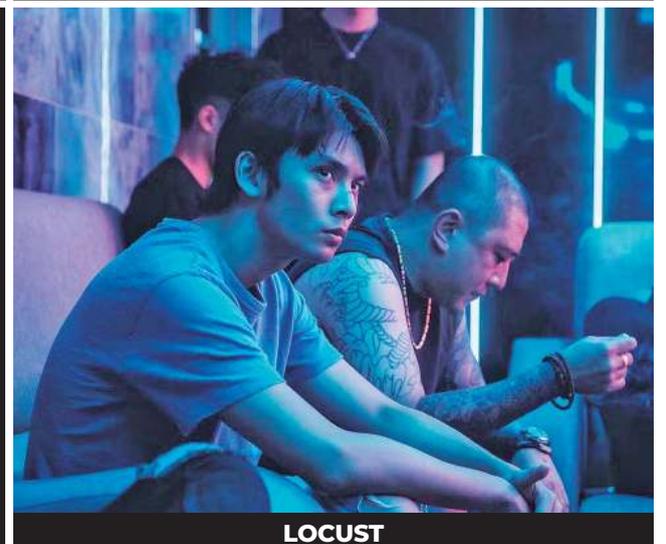


BABY



ALGO VIEJO, ALGO NUEVO, ALGO PRESTADO

UM LEGADO DIGNO DE PALMAS



LOCUST

Cannes consagra novas vozes autorais em seu garimpo de bons filmes

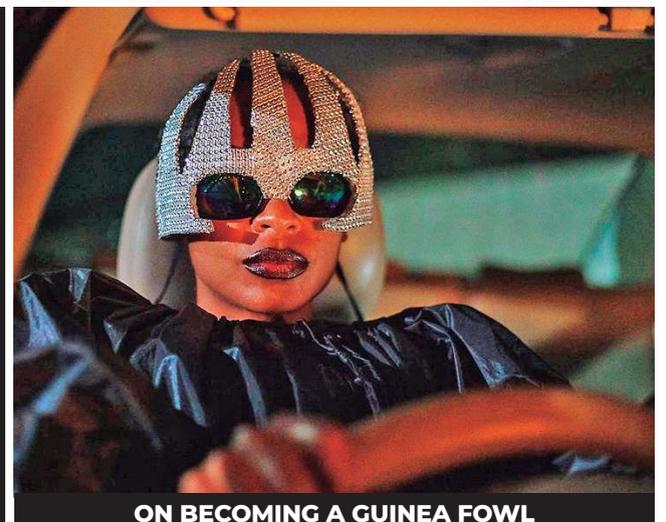


LA PRISONNIÈRE DE BORDEAUX

Por **Rodrigo Fonseca**
Especial para o Correio da Manhã

É o último dia para Cannes fazer suas estreias e a aposta do dia, ainda em competição, é a animação “La Plus Précieuse Des Marchandises”, de Michel Hazanavicius. Fora isso. Todas as grandes descobertas já foram feitas. Confira a seguir os títulos que mais e melhor alimentaram a cinefilia desde que o evento começou, no dia 14.

Continua nas páginas 2 a 7



ON BECOMING A GUINEA FOWL

CORREIO CULTURAL

Preciosidades
pinçadas na Croisette

Divulgação

Adailton, de vermelho, criou o Ponto Cine há 18 anos

Ponto Cine volta a funcionar após quatro anos fechado

O Ponto Cine, cinema que despontou há 18 anos para mudar a paisagem do subúrbio e virou referência para o mercado, reacende sua tela no próximo dia 27. A sala de Guadalupe retoma sua programação semanal após um hiato de quatro anos, com uma grande festa de comemoração.

A sala recebeu R\$ 500 mil

para a sua manutenção, por meio do edital Viva o Cinema de Rua!, da RioFilme.

Na reinauguração será exibido o filme “A Festa de Léo” (2023) de Luciana Bezerra e Gustavo Melo. Após a exibição, os diretores conversarão com a plateia em conjunto com a atriz Cintia Rosa e o ator Nego Ney. A entrada é gratuita.

Cinema de rua

O cinema, com 73 lugares, tornou-se ao longo dos anos o maior exibidor de filmes brasileiros do país - desde filmes independentes. Além disso, os ingressos sempre foram populares, custando muito abaixo da média nacional.

Cinema de rua II

No último ano de funcionamento, por exemplo, os ingressos custavam R\$ 9 e R\$ 4,50 (meia). Sua vocação de democratização ao acesso às produções audiovisuais encontrava reverberação no slogan “Arroz, feijão e cinema!”.

Cinema de rua III

O idealizador e diretor do Ponto Cine, Adailton Medeiros, é o que se pode chamar de guerreiro do audiovisual. Sempre lutou para que os menos favorecidos tivessem acesso digno às produções artísticas. Isso se chama cidadania cultural.

Cinema de rua IV

A sala tem equipamento de ponta: poltronas ergométricas e confortáveis, projeção e som de última geração e acessibilidade total. Tudo ali é pensado para dar ao público da Zona Norte da cidade, num dos bairros com menor IDH da cidade.



ALGO VIEJO, ALGO NUEVO, ALGO PRESTADO, de Hernán Rosselli: Numa mistura tênue entre realidade e ficção, este thriller argentino acompanha a vida do clá Felpeto, uma espécie de Sopranos do jogo de azar. Vídeos caseiros de uma vizinha do diretor viram material dramático numa trama sobre a vida nos subúrbios.

BLUE SUN PALACE, de Constance Tsang: Uma perda leva dois imigrantes chineses no Queens a estabelecerem uma delicada relação de troca e de confiança mútua.

FLOW, de Gints Zilbalodis: Nesta animação da Letônia, uma nova Arca de Noé salva um bando de animais de um dilúvio, num futuro distópico sem humanos. Um gato terá que lidar com o resto da bicharada para chegar a um lugar seguro.

LOCUST, de Keff: Um jovem atraído pelo fascínio de fazer parte de uma gangue barra pesada tem que repensar suas escolhas depois que os negócios de sua família são ameaçados.

ON BECOMING A GUINEA FOWL, de Rungano Nyoni: Mais badalado dos representantes da África no Festival, esta fábula sombria da Zâmbia marca a volta da diretora de “Eu Não Sou Uma Bruxa” (2017). Rungano nos leva aos bastidores de um enterro, no qual a despedida de um tio provoca uma surreal transformação numa família

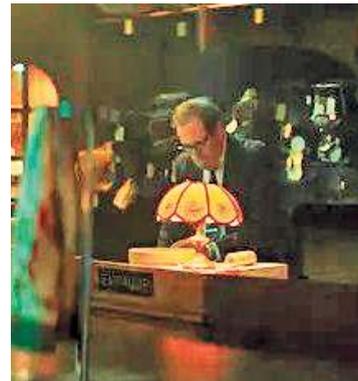
MONGREL, de Chiang Wei Liang: Um ensaio sobre solidariedade à moda oriental. Um jovem imigrante passa por toda a sorte



Divulgação

Blue Sun Palace

Divulgação



Transmizvah

de humilhações nas mãos de um patrão cruel, mas exorciza seu sofrimento ao ajudar uma senhora idosa e um homem com problemas mentais. Com eles, o rapaz forma uma inusitada família.

TRANSMITZVAH, de Daniel Burman: O realizador de “O Abraço Partido” (2004) chega com seu melhor filme em anos. Nele, uma cantora de músicas em ídiche perde a voz e precisa da ajuda de seu irmão, com quem não se relaciona há anos, para recobrar sua saúde e cicatrizar feridas familiares.

LA PRISONNIÈRE DE BORDEAUX, de Patricia Mazuy: Um ensaio sobre alteridade no bastidor do universo carcerário. Duas mulheres de classes sociais diferentes, Mina (Hafsia Herzi) e Alma (Isabelle Huppert), vão formar uma aliança conforme visitam seus companheiros numa prisão.

BABY, de Marcelo Caetano: Xodó



Divulgação

Mongrel

latino de Cannes. Narra o processo de amadurecimento do jovem Wellington, que sai de um reformatório e conhece o afeto numa São Paulo repleta de solidão e de percalços. Um homem mais velho será seu tutor. João Pedro Mariano e Ricardo Teodoro assumem os papéis centrais. Destaque para a atuação de Ana Flavia Cavalcanti.

LE PROCÈS DU CHIEN, de Lætitia Dosch: O enredo mais hilário de Cannes. Uma advogada (vivida por Lætitia) precisa defender Cosmos, um cão acusado de morder três pessoas. Se ela perder, seu cliente canino vai padecer na Carrocinha.

LULA, de Oliver Stone e Rob Wilson: Uma aula de geopolítica para gringo ver sobre a saga do sindicalista que chegou à presidência do Brasil e o esquema engendrado para leva-lo à prisão e eleger um governo conservador.

ENTREVISTA / ANDRÉ HAYATO SAITO, CINEASTA

Divulgação

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

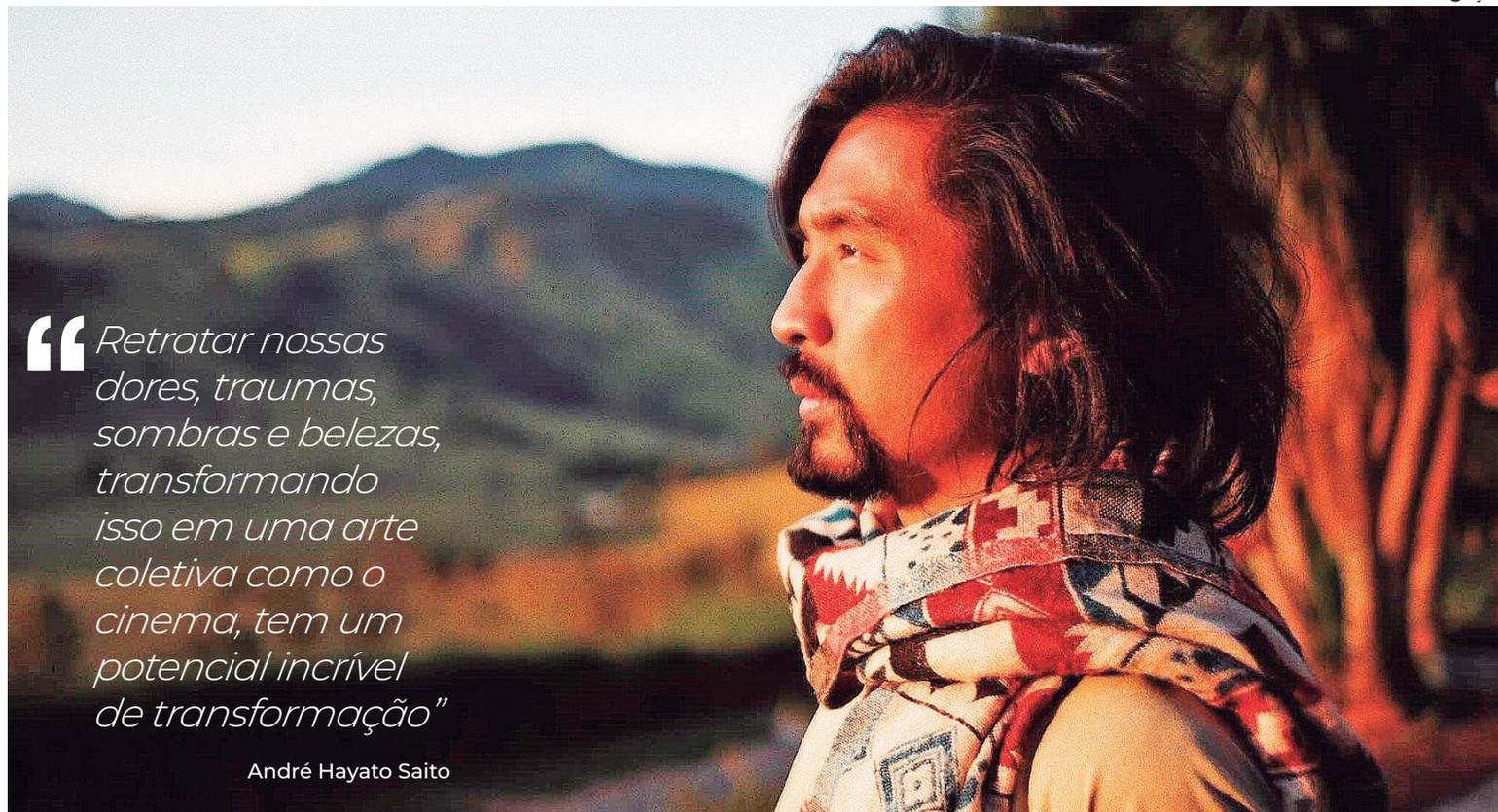
É dia de a seleção internacional de curtas-metragens indicados à Palma de Ouro do formato entrar em campo no gramado de Cannes, tendo o Brasil de artilheiro, representado por André Hayato Saito, no jogo com o filme “Amarela”. Sua trama se passa em São Paulo, em julho de 1998, no dia da final da Copa do Mundo contra a França. Naquele domingo, Erika Oguihara (a atriz Melissa Uehara), uma adolescente nipo-brasileira que rejeita as tradições de sua família japonesa, está ansiosa para comemorar um título mundial pelo seu país.

Em meio a tensão que progride durante a partida, Erika sofre com uma violência que parece invisível e adentra em um mar doloroso de sentimentos. Na conversa a seguir, passando por sua ancestralidade, Sato fala ao Correio da Manhã sobre formas de exclusão.

Qual é a dimensão de intolerância que a trama de “Amarela” discute?

André Hayato Saito: Eu acho difícil falar em dimensão de intolerância, pois isso sempre depende da régua que a gente usar. O que eu posso dizer é que, para os mais de dois milhões de asiáticos brasileiros e para os filhos de outras diásporas no Brasil, é muito comum o sentimento de não pertencimento. Agora, de uma maneira mais prática, na época da covid-19, houve um aumento significativo na intolerância, xenofobia e racismo contra pessoas amarelas. Ainda que pareça invisível, é algo que acontece frequentemente.

Como foi desenhada a produção, onde foi rodada e em quanto tempo e com que tamanho de equipe? O que esse esforço coletivo te ensinou sobre fazer filmes?



“Retratar nossas dores, traumas, sombras e belezas, transformando isso em uma arte coletiva como o cinema, tem um potencial incrível de transformação”

André Hayato Saito

‘Dimensão de intolerância depende da régua que você quer usar’

O curta surgiu como um protótipo do longa-metragem “Crêsântemo Amarelo”, que já estava escrito. Pegamos os mesmos personagens, desenhamos a produção no formato de curta e rodamos em São Paulo, em cinco diárias. Foram mais de cem pessoas envolvidas e a equipe foi predominantemente de pessoas amarelas. Esse esforço coletivo me ensinou tanta coisa... Humildade de pedir ajuda, persistência para não desistir, coragem de errar. E também sentir na pele o que a representatividade nas telas pode trazer tanto para o

processo como para o resultado. Houve muita troca de confiança entre os integrantes da equipe, que por ser majoritariamente asiática-brasileira, fez a gente se sentir pertencentes e reconhecidos. Eu nunca tinha visto tanta gente parecida comigo em um set de filmagem. Outra lição importante foi a de tentar colocar nossas emoções mais profundas para fora. Retratar nossas dores, traumas, sombras e belezas, transformando isso em uma arte coletiva como o cinema, tem um potencial incrível de transformação.

Por que a escolha de 1998? O que o ano norteia na trama?

Escolhi 1998 pois eu tinha 14 anos na época, a mesma idade da protagonista. Era a final da Copa do Mundo e o Brasil levou de 3x0 da França. Foi muito traumático para mim, que amava futebol e o usava inconscientemente como ferramenta de pertencimento, pois através dele eu me sentia brasileiro. Podia gritar pelo meu país e torcer junto a todos os outros. Houve todo aquele suspense envolvendo o Ronaldo, algo super marcante e inesquecível. O craque da seleção acabou indo

para o hospital, e todas aquelas teorias da conspiração emergiram. Foi um momento muito tenso e eu queria retratar vários níveis de violência, queria mostrar também uma São Paulo cinza e depressiva, um Brasil triste não só pela Copa, mas por diversos outros motivos. Eu senti que este clima de tensão poderia agregar mais uma camada da violência que estava no ar.

Como você avalia a responsabilidade de defender o Brasil na disputa de curtas de Cannes?

É uma responsabilidade grande. Fomos selecionados entre 4420 curtas-metragens do mundo todo e somos o único representante da América Latina na categoria. Ao mesmo tempo, é muito emocionante poder representar o meu país contando uma história amarela, feita por pessoas amarelas, para o público mundial. Por meio deste recorte, do asiático-brasileiro, sinto que estamos falando sobre o sentimento de não pertencimento de muitas diásporas ao redor do mundo. Para os filhos e netos de imigrantes, é muito comum se sentir esse lugar de nem de lá, nem de cá. Esse lugar de residir na fronteira.

Divulgação



O cineasta Raoul Peck e as imagens de Ernest Cole resgatadas para o documentário



Velando a exclusão

Novo documentário de Raoul Peck, diretor de 'Eu Não Sou Negro', recupera a obra fotográfica de Ernest Cole, testemunha do Apartheid na África do Sul



Ernest Cole

Por **Rodrigo Fonseca** | Especial para o Correio da Manhã

Discretas, mas implacáveis no registro do racismo, as fotos do sul-africano Ernest Levi Tsoloane Cole (1940-1990) hoje são encaradas como um documento vivo das feridas geopolíticas deixadas pelo Apartheid. Sua vida foi maculada pela intolerância e terminou nas raias da pobreza, num processo de invisibilidade que hoje cega ao fim graças ao cinema.

O Festival de Cannes ajudou a consagrar seu nome com a projeção do documentário “Ernest Cole, Lost and Found”, dirigido por um ativista da luta contra o racismo, o haitiano Raoul Peck, indicado ao Oscar por “Eu Não Sou Seu Negro”, em 2017.

“Eu conhecia algumas das fotos de Cole do tempo em que militei no comitê contra Apartheid, quando vivi em Berlim, mas os detentores dos direitos de sua obra me procuraram pedindo ajuda para a preservação dos retratos. Quando me debrucei sobre as fotos, fui entendendo que a história a ser contada estava nos bastidores dela, como se fosse a câmera escura de revelação, onde se escolhe o que destacar num retrato”, diz Peck ao Correio da Manhã. “Cole não queria ser cronista da pobreza, mas sim um retratista da condição humana”, analisa.

Cole deixou como chave para sua obra um livro: “House of Bondage”. Deixou ainda um legado de 60 mil negativos dele num cofre na Suécia, onde viveu depois de ter clicado evidências

da violência racial em seu país, em tempos anteriores à libertação de Nelson Mandela. Esses cliques valeram a Cole uma relação azeda com as autoridades de sua nação, mas garantiram a ele espaço em revistas e jornais da Europa e dos EUA.

“Não quis investir num clima de thriller e ir atrás desse achado, de modo a valorizar esse arquivo secreto. O mais importante era dar voz a Ernest, entender o que se passou na cabeça dele ao sair da África do Sul e ir para Nova York. Eu sei o que é ser exilado e, portanto, posso imaginar o que ele sentia”, disse Peck, que convocou o ator LaKeith Stanfield para ser a voz de Cole no filme. “Era um dispositivo para parecer que Ernest está narrando sua própria trajetória, como se estivesse vivo entre nós”.

A contundência narrativa de “Ernest Cole, Lost and Found” pode dar a Peck a lauréa de Melhor Documentário de Cannes, chamada de L’Oeil d’Or. O troféu surgiu em 2015 a fim de promover a força da não ficção.

“Os documentários hoje passam por uma nova cilada com o streaming. É verdade que a demanda pelo formato documental aumentou, mas as plataformas impõem um processo de seleção que se pauta por critérios comerciais”, diz Peck.

“O que importa na demanda são biografias de celebridades e histórias sobre crimes reais. O documentário que eu faço se pauta pela criação. Eu lido com arquivos, como as fotos de Ernest Cole, porque meu papel político é recuperar a História. Não fui fazer cinema para te uma carreira na mídia. Fui fazer cinema por necessidade política”.



CENTRO
CULTURAL
SESC
QUITANDINHA

dos brasis

arte e pensamento negro

Uma das mais expressivas exposições de arte afro-brasileira já realizada no país chega ao Rio de Janeiro.

São obras de 241 artistas negros do fim do século XVIII até o século XXI de todos os estados do Brasil. Esperamos por você.

Até 27/10/2024

De terça a domingo, das 10h às 17h.
Centro Cultural Sesc Quitandinha (CCSQ),
Petrópolis - RJ

Entrada gratuita

Confira a programação completa:
ccsq.org.br



CRÍTICA / FILME / PARTHENOPE



Mito da sereia atualizado

Divulgação



'Parthenope' sofre justamente por uma vontade não declarada do diretor Paolo Sorrentino de fazer da personagem-título, vivida por Celeste Dalla Porta, algo além de um rostinho bonito

Por **Leonardo Sanchez**
(Folhapress)

Não é segredo para ninguém que Paolo Sorrentino é obcecado pela beleza e pela juventude. No filme que trouxe à competição do Festival de Cannes na última terça-feira (21), o cineasta italiano não escapou da sua zona de conforto.

"Parthenope", que decora a cidade da Riviera Francesa com uma série de cartazes, já que estreia nas salas francesas logo após o festival, é mais uma elegante e hiperbólica discussão que Sorrentino faz em torno desses te-

mas recorrentes, já vistos em "A Grande Beleza", "Juventude" e "A Mão de Deus".

O novo longa acompanha a personagem-título, apelidada de Parthe e vivida pela estonteantemente bela Celeste Dalla Porta. Vemos seu nascimento nas águas salgadas que beiram o palacete napolitano dos pais, nos anos 1950, e seu amadurecimento até os dias atuais.

Parthenope é o nome de uma sereia, na mitologia grega, que atraia marinheiros para o mar com a sua voz. E Sorrentino quer brincar com a ideia de que, sedutora, Parthe pode ser, também, uma criatura das águas.

Ela exerce um estranho fascínio nos homens ao redor, com uma força que só seria justificada pela chave fantástica do filme. Ao caminhar de biquíni pela casa dos pais, chama a atenção do vizinho, que nutre uma paixão platônica por ela, e do próprio irmão mais velho.

Sorrentino se debruça sobre o atualmente pop conceito de triângulo amoroso, mesmo que isso envolva flertar com o incesto. Nada é sexualmente explícito, mas Parthe e seus dois companheiros passam os dias deitados uns sobre os outros, fazendo carinho em seus corpos e dançando, agarrados, numa cena

belíssima, mas que infelizmente serve de despedida para um primeiro terço muito bom.

A partir daí há uma ruptura, tanto na vida dos personagens, quanto na qualidade do filme. Após uma tragédia familiar, que faz a protagonista tomar ciência da finitude da juventude e da beleza, "Parthenope" abandona a mitologia que havia proposto ao espectador.

Assim, a figura feminina que seduz misteriosamente abre espaço para um realismo que não combina com a trama. Se antes Parthe era capaz de fazer um milionário parar seu helicóptero sobre seu corpo bronzeado na

praia, como um voyeur, agora ela é bonita e pronto. "Você tem ciência da disrupção que a sua beleza causa?", questiona Gary Oldman, numa participação relâmpago.

Parthe, antes apenas musa, vai então para a faculdade, vira aluna de antropologia com notas excepcionais e conquista o difícil chefe de departamento - pelo intelecto. O filme sofre justamente por uma vontade não declarada de fazer da personagem algo além de um rostinho bonito.

Mas a protagonista sempre foi mais do que isso, e não há justificativa verdadeira para abandonar o encanto das sereias que servia de mote. "Parthenope" ao menos entrega um verdadeiro banquete visual, com cenários plasticamente extravagantes e figurinos da francesa Saint Laurent, que entrou como produtora do longa e deixou as grifes italianas de fora.

Na contramão, o português Miguel Gomes preferiu uma estética mais simples, mas nem por isso menos bonita e interessante. Em "Grand Tour", apresentado nesta quarta-feira (22), o diretor de "As Mil e Uma Noites" e "Tabu" recorre ao preto e branco e monta o filme como uma peça histórica dos idos do cinema.

Divertida, a trama acompanha Molly, que foi abandonada no dia do casamento, numa viagem pela Ásia em busca do noivo. Ambientado em Myanmar, "Grand Tour" mescla o universo do português à cultura local, numa saga leve e que, mesmo não sendo material para Palma de Ouro, pode ser premiada em alguma outra categoria.

Gomes equilibra bem a comédia e o drama, num filme que é essencialmente de aventura. Sua marca autoral e a estética mais artística ajudam a brincar com convenções do gênero, e não seria difícil ver a história adaptada com um gordo orçamento. É um filme mais fácil de chegar ao público, por mais reflexivo que também seja.



Gozo de sangue

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Tem sempre areia nas camas do Motel Destino, hospedaria para amores fugazes localizada à beira de estrada numa praia do Ceará. É Dayana quem mantém a organização dos quartos. Ela ri quando fica nervosa. Ri num desatino quando o perigo se aproxima, mas sabe se zangar com clientes que inventam desculpas, fazem orgias ou inventam motivos para não pagar.

Pensou que esse era o caso de Heraldo quando o rapaz alegou ter sido roubado pela moça com quem passou a noite, antes de adormecer. Mas o sujeito falava a verdade. Não toda. Ele não contou, por exemplo, que está jurado de morte e que acabou de ter seu irmão assassinado. Ia matar um francês que mora na região, a mando de sua chefe, numa organização criminosa, mas negou fogo, ou melhor, atrasou-se para a missão – o que deu ruim... muito ruim.

Mas Dayana se encanta por ele



Dayana (Nataly Rocha) se encanta com a chegada de Heraldo (Igor Xavier) ao 'Motel Destino', longa de Karim Aïnouz fotografado por Hélène Louvart

e tenta disfarçar o desejo que sente de seu companheiro (e misto de chefe), Elias (papel que pode dar a Fábio Assunção uma consagração há muito merecida na telona). A vontade que ela tem de se livrar desse homem que só lhe trata bem quando quer chamego é grande. Mas ela sabe quem tem direito a um percentual alto no faturamento do Destino, pois, afinal, trabalhou

para isso. O problema é como tirar Elias do jogo.

Até esse questionamento vir à tona, Dayana já arrebatou a plateia do novo filme de Karim Aïnouz, exibido em competição no 77º Festival de Cannes, graças ao desempenho inquieto e cativante de sua intérprete, Nataly Rocha.

Seu modo franco de falar a encaixa num rol de personagens

nacionais que se expressam sem filtros, sendo direta e cortante. Igualmente arrebatador é o desempenho de Igor Xavier como Heraldo, um sonhador que anseia pela chance de ter sua oficina mecânica em São Paulo, deixando a rotina cearense para trás.

Já Elias só pensa em ampliar seu motel. Vai para Fortaleza comprar brinquedinhos eróticos e pensa em

Divulgação

obras para melhorar o atendimento. Ele só não pensa no bem-estar de Dayana. Nem é capaz de imaginar a trama digna de um filme dos Irmãos Coen (como “Gosto de Sangue” ou “Fargo”) que se desenha ao seu redor.

Apoiado na caleidoscópica fotografia da francesa Hélène Louvart, Karim deu a Cannes um filme surpreendente, que se inscreve nos códigos do thriller noir (sobretudo o dos anos 1980), ao mesmo tempo em que presta um tributo à pornochanchada – embora sem humor.

É um estudo delicado de personagem, que tenta compreender os resquícios de Brasil por trás de cada vértice de seu triângulo. Passa pela violência contra as mulheres, o crime organizado, a corrupção e o machismo, desconstruindo cada um desses males no roteiro escrito com Wislan Esmeraldo e Maurício Zacharias.

Visualmente, a direção de arte de Marcos Pedroso faz do motel Destino um quarto – e vivíssimo – personagem, que serve de microcosmos para abismos onde ainda estamos enfiados.

Musical francês na dianteira pela Palma de Ouro

Croisette aposta no favoritismo de ‘Emília Pérez’, de Jacques Audiard

Centrado nas consequências do processo de transição de gênero de um poderoso chefão de cartel mexicano, “Emilia Pérez” segue desde sábado no posto de favorito de Cannes quando se especula sobre quem vai sair premiado neste sábado. Jacques Audiard pode conquistar sua segunda a Palma de

Ouro pelo filme, tendo sido laureado com o troféu antes por “Dheepan – O Refúgio”.

Desta vez é pelas chaves do melodrama cantado que ele pode vencer, tendo Karla Sofia Gascón no papel central da mulher trans que enfrenta uma série de adversidades para se ver numa identidade em



‘Emília Pérez’ tem Karla Sofia Gascón como protagonista

que se reconheça.

Seu maior rival vem da Índia: “All We Imagine As Light”, da diretora Payal Kapadia. É um painel

sobre mulheres em choque com os conflitos sociais de uma grande cidade. Estima-se que “The Substance” renda prêmios à cineasta Cora-

Divulgação

lie Fargeat ou à sua protagonista, Demi Moore.

A estrela dos anos 1980 e 90 tem seu melhor papel em duas décadas na pele de uma atriz decadente que se submete a um experimento no qual sofre uma mutação corporal, dando origem a uma versão mais jovem de si, vivida por Margaret Qualley.

A maior rival de Demi na láurea de interpretação é Chiara Mastroianni, que tem um desempenho comovente em “Marcello Mio”, ao reviver seu pai. Ela é filha de Marcello Mastroianni com Catherine Deneuve. Outra interpretação que não deve ser esquecida é a de Sebastian Stan como jovem Donald Trump em “The Apprentice”. (R.F.)

SHOW**PEDRO MIRANDA**

*O cantor e compositor lança o álbum "Atlântica Senhora". 25/5, às 19h30. Teatro Rival Petrobras (Rua Álvaro Alvim, 33). Entre R\$ 30 e R\$ 140.

VIVA SIVUCA!

*A pianista e cantora Cláudia Castelo Branco passeia pela obra do mestre da sanfona. Dom (26), às 16h. Parque Glória Maria (Rua Murtinho Nobre 169, Santa Teresa). Grátis

ABAYOMI

*Comemorando 15 anos de história, a orquestra volta ao Teatro Rival Petrobras com novidades no repertório e em sua formação. 26/5, às 19h30. Entre R\$ 39 e R\$ 100.

MÚSICA NO MUSEU

*A pianista Maria Helena de Andrade apresenta clássicos internacionais no Palácio São Clemente (Rua São Clemente, 424 - Botafogo). Sáb (25), às 18h. Grátis

THILLY LOHANE

*A cantora paraibana apresenta o espetáculo "Uma Saudação a Mariah Carey". Sáb (25), às 20h. Sala Nelson Pereira dos Santos (Av. Visconde do Rio Branco, 880 - São Domingos, Niterói). R\$ 120, R\$ 60 (meia) e R\$ 80 (compra antecipada)

SAMBAY

*A primeira roda de samba LGBT-QIAPN+ do Brasil acontece todos os domingos, desta vez tendo a como convidados Lukinhas e Marvila. Mourisco Mar (Av. Repórter Nestor Moreira s/nº - Botafogo). 25/5, às 17h. R\$ 20.

A VOZ DE UMA PESSOA VITORIOSA

*Trio formado por Laura Castro, Sandra Nisseli e Nayara Danielly leva ao palco músicas autorais e interpretações de pérolas da MPB como a canção que dá título ao show, de Caetano Veloso. QueeRIOca (Travessa do Comércio, 16 - Arco do Teles). Sex (25), às 20h30. Grátis

TEATRO**PRIMA FACIE**

*Fenômeno em palcos pelo mundo, o espetáculo chega ao Brasil com Débora Falabella em seu primeiro solo. Texto mostra os dilemas de uma advogada



Pedro Miranda

Um Rio de opções de lazer

Confira atrações culturais em todas as regiões da cidade

SUGESTÕES PARA SEXTOU@CORREIODAMANHA.NET.BR

Cláudio Andrade/Divulgação



Orquestra Abayomi

que tem como cleintes acusados de abuso sexual. Teatro Adolpho Bloch (Rua do Russel, 804 - Glória). Até 30/6, de qui a sáb (20h) e dom (18h). Entre R\$ 50 (meia) e R\$ 150

CANÇÕES DE CINEMA

*A produção de Wilson Belém e direção de Eber Inácio transporta o público para uma deliciosa viagem sonora regada a temas consagrados e inesquecíveis de clássicos da sétima arte como "A Cor Púrpura", "Rocky 4" e "Mary Poppins"-de maio. Estação Net Botafogo (Rua Voluntários da Pátria, 88). Até 25/5, aos sábados (19h). R\$ 40 e R\$ 20 (meia)

IMPROVISA COMIGO ESTA NOITE

*Sozinho no palco, o ator Claudio Amado conta com a participação espontâ-

Divulgação



Stranger Sings

Mau/Divulgação



Os Prazeres de Heitor

Divulgação



Ensaio de Ara-Me

nea da plateia para criar cinco cenas inéditas e improvisadas a cada apresentação. Centro Cultural Justiça Federal (Av. Rio Branco, 241 - Centro). Sex e sáb (19h). R\$ 30. Até 1/6.

TODOS OS HOMENS DO MUNDO

*Em performance, Cristina Flores dubla várias mulheres atua numa ficção científica feminista distópica, que se passa no distante ano de 2228, num período em que todos os homens cis desapareceram do planeta. QueeRIOca (Travessa do Comércio, 16 - Praça XV). Sex e sáb (24 e 25), às 19h30. R\$ 40

OS PRAZERES DE HEITOR

*O espetáculo inédito apresenta ao público um importante nome da cultura popular brasileira: Heitor dos Prazeres

(1898-1966), cantor, compositor, instrumentista e pintor brasileiro. 25/5, às 17h. Praça da Harmonia. Grátis.

STRANGER SINGS

*o premiado espetáculo inspirado na série "Stranger Things" encerra temporada carioca neste fim de semana, com sessões no sábado (19h) e no domingo (18h). Teatro Fashion Mall (Estr. da Gávea, 899 - Lj 213, São Conrado). R\$ 80 e R\$ 40 (meia)

DANÇA**ATA-ME**

*A Cia de Ballet Dalal Achcar ocupa a sala Maria Thereza Tápias com o espetáculo "Ata-me", que explora as maneiras

Divulgação



Mostra do Impossível

Reprodução



Tela de Frans Post

pelas quais estamos ligados à vida, à violência, à amizade. Centro Cultural Espaço Tápias (Rua Armando Lombardi, 175- Barra da Tijuca. Sáb e dom (25 e 26), às 19h. R\$ 38 e R\$ 19 (meia)

EXPOSIÇÃO**DOS BRASIS**

*O Sesc Quitandinha (Av. Joaquim Rolla, 2 - Petrópolis) recebe "Dos Brasis - Arte e Pensamento Negro", dedicada à produção de artistas negros reunindo 314 obras. Ter a dom e feriados (10h às 17h). Até 27/10. Grátis

TECIDO URBANO

*Em cartaz no Sesc São João de Meriti (Av. Automóvel Clube, 66), a mostra resgata o imaginário cultural dos subúrbios e periferias do Rio, com obras de 19 artistas independentes. Até 26/5. Ter a sáb (9h às 17h). Grátis

FRANZ POST

*Uma das joias do acervo do Museu Nacional de Belas Artes/Ibram a coleção Frans Post poderá ser revisitada nas mostras virtuais inauguradas na plataforma Google Arts & Culture.

SER MULHER

*A artista plástica Carla Carvalhosa trazendo pinturas e esculturas diferenciadas, feitas com material de reuso representando os diversos papéis desempenhados pelas mulheres. Até 15/6. Centro Cultural Correios RJ (Rua Visconde de Itaboraí, 20 - Centro). Grátis

LIVRE EXPRESSÃO

*Nesta coletiva os artistas desafiam convenções, exploram técnicas inovadoras e moldam novas realidades através de sua imaginação sem limites em pinturas, esculturas e instalações. Até 2/6. Ava Galleria Rio (Rua Orestes, 28 - Santo Cristo). Grátis

EVENTO**MOSTRA DO IMPOSSÍVEL**

*celebrando a arte e cultura negra, o evento cultural multiartístico da Confraria do Impossível reúne artistas pretos que realizarão apresentações de espetáculos teatrais, curtas metragens, performances, exposições e oficinas artísticas. Até 26/5 no Terreiro Contemporâneo (Rua Carlos de Carvalho, 53 - Centro). Grátis

Sharon Bradford/Divulgação

O Brasil que corre na veia

Grupo mineiro O Corpo faz temporada carioca no Teatro Multiplan



'Parabelo', coreografia autoral do Grupo Corpo, remete ao universo glauberiano

Por Cláudia Chaves

Especial para o Correio da Manhã

No ser humano o corpo, também chamado sôma (do grego transliterado sôma), é considerado como o organismo material, abstraído de suas funções psíquicas (donde provém o conceito de somatização de algumas doenças). Mas há corpos que vão além, com a linguagem dos movimentos, expressões, são capazes de criar nos outros verdadeiros estados de afeto. Assim, o faz o grupo O Corpo, mineiros de Belo Horizon-

te, praticamente há 50 anos - o grupo existe desde 1975.

A cabeça é de Paulo Pederneiras, diretor-geral e criador; o corpo é de Rodrigo Pederneiras (inicialmente bailarino e depois coreógrafo) e os membros são José Luiz (abandonou a medicina para virar fotógrafo), Pedro tornou-se diretor técnico, e as irmãs Míriam e Marisa foram dançarinas. Mas o conjunto de cabeça, corpo e membros também tem todos os órgãos, veias, músculos e sangue compartilhados nas dezenas de bailarinos que passaram pelo grupo.

A experiência de encontro da plateia com

o grupo é sempre grandiosa. Seus espetáculos firmam a cultura brasileira, música, concepção ao mesmo tempo que a contemporaneidade nas histórias contadas pelo encontro dos movimentos, dos figurinos lindos, originais, diferenciados, com arranjos musicais inesperados, uma luz surpreendentes. Nada é pouco em O Corpo. Tudo abunda, o talento, a criatividade, o talento.

O Grupo Corpo volta ao Rio para uma temporada no Teatro Multiplan. O programa tem dois de seus balés mais pedidos - "O Corpo" (2000), com trilha de Arnaldo Antunes; e

"Parabelo" (1997), com música de Tom Zé e José Miguel Wisnik.

Poderiam parecer criações que se opõem: cidade e sertão, rock e MPB, Brasil profundo e a megalópole. E a essência da companhia: tudo que é Brasil tem que estar em cena.

"Parabelo" nos remete ao universo glauberiano de "Deus e o Diabo na Terra do Sol" (1964) quando Corisco, com uma Parabelo na mão, diz "eu não me entrego não".

O mais brasileiro de seus trabalhos, como cita Rodrigo Pederneiras, tem ex-votos nos cenários; Tom Jobim, Gonzaga; rabeça pernambucana, percussão, sanfona, violões e vozes; xote e xaxado no movimento dos quadris, nos corpos com malhas de pernas e mangas compridas em variações de vermelho, laranja e amarelo, no início cobertas de tule negro. Uma explosão de sertão.

Já "O Corpo", primeira criação para a dança do compositor, escritor, poeta e performer Arnaldo Antunes, traduz as engrenagens, os mecanismos que nos lembram da cidade/locomotiva. A peça de oito movimentos gravada com instrumentos acústicos, elétricos e eletrônicos; ruídos orgânicos como grunhidos, gritos e sangue nas veias fundem-se com guitarras, violões, teclados, baixo e as vozes de vozes de Arnaldo, Saadet Türkoç e Mônica Salmaso (esse presente vocal).

Há que se ir, se ver, se emocionar, inspirar, respirar e unir as mãos no estrondo de aplausos que O Corpo merece.

SERVIÇO

O CORPO | PARABELO

Teatro Multiplan (VillageMall - Av. das Américas, 3900 - Barra da Tijuca)
Até 2/6, de quarta a sábado (20h) e domingos (17h)
Ingressos entre R\$ 20 (meia) e R\$ 280

Um espetáculo para a primeira infância

A Cia de Dança Teatro Xirê, Xirê traz de volta ao Rio "Dingling", um espetáculo de dança destinado a crianças de 3 a 6 anos. Fundada há 20 anos, na sala do Centro Cultural Municipal José Bonifácio, na Gamboa, a Xirê busca imergir na potência da dança na educação e na vida.

As apresentações começaram em 2023 e, além do Rio, foram encenadas em cidades de Pernambuco e São Paulo. Desta vez, o espetáculo contemplado pelo

Edital Giros da Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Estado do Rio de Janeiro se apresenta no Teatro Cacilda Becker, no Catete.

SERVIÇO

DINGLING

Teatro Cacilda Becker (Rua do Catete, 338) | 24/5, às 14h30 (gratuito)
25 e 26/5, sábado e domingo (16h)
Ingressos: R\$ 20 e R\$ 10 (meia)

Divulgação



Dingling volta aos palcos cariocas

Todas as mulheres do mundo

Por **Cláudia Chaves**

Especial para o Correio da Manhã

Diz a lenda que no bojo da Poética, havia uma segunda parte que tratava da comédia. A questão era tão difícil, tão perigosa à sociedade, que o texto jamais foi encontrado. No Ensaio sobre a significação do cômico, o filósofo Henri Bergson define que o riso é atividade da inteligência e se refere exclusivamente ao humano. É desse coquetel, bem misturado, que Fábio Porchat escreve “Agora É Que São Elas!”, lembrando-nos que dobrar a barriga, ficar com asma de tantas gargalhadas é uma emoção única.

Há que se destacar algo inovador e que funciona muito bem. As três atrizes - Maria Clara Gueiros, Júlia Rabello e Priscila Castello Branco - vivem 20 personagens, que escapam a rodas as fronteiras: gênero, idade, classe social. Re-

CRÍTICA / TEATRO / AGORA É QUE SÃO ELAS!

Divulgação



Maria Clara, Priscila e Júlia vivem 20 personagens

presentam homens, jovens, mais velhos, classe média, ricos, populares com o mesmo embalo da direção de Porchat. A versatilidade, o tempo - elemento constituinte da comédia -, as vozes que variam, o gestual não possuem qualquer segundo de pausa, o que envolve a platéia.

São 20 esquetes - de sketch, esboço- as cenas rápidas, tradicionais da comédia, mas que contam uma história completa com início, meio e fim. Há de tudo: a amiga supersticiosa que chega às raias do insuportável; a confusão das centenas de senhas; a “inveja” do casal vizinho que faz sexo barulhento até a pessoa inconveniente que está condenada à morte.

Para montar “Agora É Que São Elas!”, Porchat misturou textos recém-criados e outros que, apesar de escritos em 2004 e 2005, revelam conexão com a década de 2020. Na época, Porchat era estudante da CAL (Casa das Artes de Laranjeiras) e chegou a encenar alguns deles ao lado do saudoso colega Paulo Gustavo. A crítica é furiosa, mordaz, ferina que não perdoa nada e nem ninguém. Como deve estar, com muita propriedade, no texto perdido de Aristóteles.

SERVIÇO

AGORA É QUE SÃO ELAS!

Teatro dos Quatro (Shopping da Gavea - Rua Marquês de São Vicente, 52, 2º andar)

Até 14/7, sextas e sábados (20h) e domingos (19h)

Ingressos: R\$ 140 e R\$ 70 (meia)

NA RIBALTA

POR CLÁUDIA CHAVES

Hilda Hilst no teatro

“As Aves da Noite”, drama teatral de Hilda Hilst, escrito há 55 anos, estreia nesta sexta-feira (24) no Teatro Cacilda Becker. Vencedora do Prêmio APCA de Melhor Espetáculo Virtual em 2022, a montagem se passa em Auschwitz, partindo da história real de um padre assumindo a identidade de um judeu. A direção é de Hugo Coelho e o elenco é formado por Marco Antônio Pâmio, Marat Descartes, Regina Maria Remencius, Rafael Losso, Walter Breda, Fernando Vítor, Marcos Suchara, Wesley Guindani e Heloisa Rocha.

Divulgação

Caio Lírio/Divulgação



Manual Antirracista

“Pequeno Manual Antirracista – A Peça”, primeira adaptação de uma obra da pensadora Djamilá Ribeiro para o teatro, marca a estreia de Luana Xavier em um monólogo. Trazendo a questão racial e a luta contra o racismo estrutural e individual como mote, o espetáculo é dirigido por Aldri Anunciação, que também assina o texto. A peça possui abordagem engajada e informativa e potencial de despertar reflexões e debates sobre questões raciais, contribuindo para a conscientização e a luta contra o racismo na sociedade, a inclusão, a diversidade e a igualdade. Em cartaz no Teatro Firjan.



Roberto Cardoso/Divulgação



Para cantar o Rio

Sucesso de público e crítica e com duas indicações ao Prêmio Musical.Rio, “Um Rio Dentro de Mim”, embaladas por canções consagradas de nomes como Vinicius de Moraes, Aldir Blanc, Nana Caymmi, Elza Soares e Cássia Eller, as irmãs cantam o Rio que conhecemos e amamos, ao limpar o porão da m Com Analu Pimenta e Deborah Marins, está de volta em cartaz. O espetáculo com dramaturgia de Rebecca Noguchi, direção de Bernardo Dugin e direção musical de Tony Lucchesi faz curtíssima temporada às terças de junho, às 20h, no Teatro Brigitte Blair, em Copacabana.

DuHart Fotografia/Divulgação



Leo Gandelman

Divulgação



Marcos Valle

Divulgação



Robin Eubanks

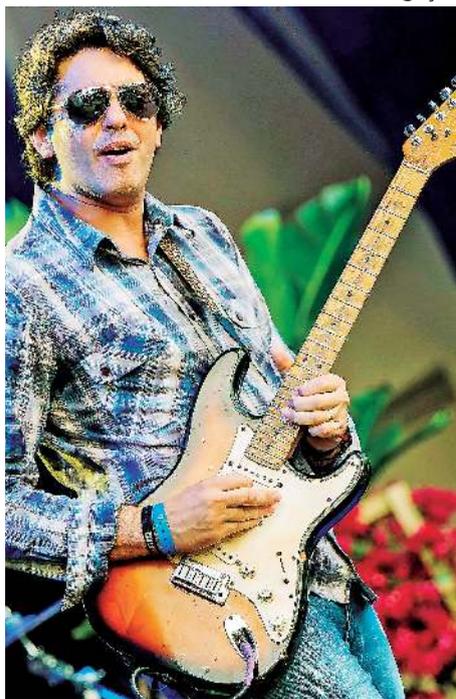
Adrian Adel/Divulgação



Terrie Odabil

Jazz, blues, soul & Paraty

Divulgação



Fred Sunwalk

seu mais recente álbum "028". O tempero do show será azeitado pela parceria de Robin Eubanks, referência para Joabe e para gerações de músicos de jazz pelo mundo.

O bluesman Fred Sunwalk chega em Paraty às 22h de sábado (25). Radicado na Flórida, um dos principais nomes do blues rock brasileiro com mais de 20 anos de carreira e sete álbuns lançados, o guitarrista, cantor e compositor tem se apresentado nos mais importantes festivais de Blues do Brasil, dos Estados Unidos e da Europa.

Para fechar o sábado, Paula Lima canta seus hits acumulados em mais de 30 anos de carreira. A cantora tem divulgado as faixas de seu último EP, o "Ao Vivo no Sonastério", projeto que promove a imersão de artistas nas montanhas de Minas Gerais, no estúdio

Cidade histórica recebe 14ª edição do Bourbon Festival Paraty com grandes músicos em shows gratuitos de sexta a domingo

Carlos Framco/Divulgação



Joabe Reis

Sonastério, para gravar versões ao vivo de suas músicas. Ela já fez parcerias com nomes como Jorge Ben Jor, Seu Jorge, Emicida, entre outros.

No domingo, em seu último dia, às 20h, o festival recebe o Leo Gandelman Quarteto, liderado pelo renomado saxofonista, flautista, compositor, arranjador e produtor musical com sua música elegante e cheia de camadas. E deixa o público aquecido para Artur Menezes, um dos melhores guitarristas de blues do país, que vai ecoar seus acordes poderosos no Palco Matriz. Encerra os trabalhos no palco, a Soul Boogie Orchestra & Lud Mazzucatti, com seu soul repleto de swing e R&B.

Na orla, o Palco Santa Rita é cenário de boa música ao pôr do sol, com o palco comandado a partir das 14h horas pela DJ Dri Arakake e os Son's de New Orleans". E depois recebe atrações como a Orquestra de Violões de Paraty, jazz e swing com as apresentações de Fábio Amaral Índio & Trio, Luciano Ciranda, La Pompette, Duo Beck & Montanaro, Vera Figueiredo e Taryn Donath.

Além disso, durante os três dias do Festival, os palcos e buskers montados no Centro Histórico da cidade recebem mais de 30 apresentações, incluindo Workshops, "Música na Igreja", a exposição de fotografia "Aqui jazz", a céu aberto, em homenagem aos artistas que participaram de edições anteriores do Bourbon Festival Paraty. Durante os dias de música, cortejos pelas ruas, como os da Orleans Street Jazz Band a partir do meio dia e do grupo Favela Brass (projeto musical de inclusão social com jovens cariocas que retorna na programação após sucesso na edição 2023 do Festival). E pelas praias, a música itinerante com o Jazz na Kombi. Abaixo, programação completa.

A charmosa Paraty se prepara para receber atrações nacionais e internacionais em palcos montados no Centro Histórico para mais de 12 horas de música diárias – em um evento totalmente gratuito. O Bourbon Festival Paraty realiza sua 14ª edição neste fim de semana, de sexta a domingo, com abertura na sexta-feira (24), às 20h, quando os jovens músicos da Orquestra Sinfônica de Paraty no Palco Matriz abrem o Festival que terá jazz, soul, blues, folk.

O cantor e compositor Marcos Valle é uma das grandes atrações a subir no Palco Matriz. Aos 80 anos, o ícone da MPB segue mostrando um vigor invejável em suas apresentações, oferecendo ao público um pouco da história, não só da bossa nova, gênero ao qual é invariavelmente associado, mas também da riqueza musical brasileira que o formou como artista e mestre de outros que vieram depois. Sucessos como "So Nice", "Estrelar", "Tudo de Você" e "Samba de Verão", constam no setlist do artista.

Na mesma noite, às 23h30, também se apresenta no Palco Matriz, Terrie Odabi, nova diva do Blues e Soul de São Francisco. Ela esteve no Brasil pela primeira vez em 2019, já com indicações ao Blues Music Award, o "Grammy" do Blues nos EUA pelo álbum "My Blue Soul", lançado em 2016 e considerado um dos 50 melhores álbuns de blues daquele ano. Terrie Odabi é uma cantora pronta para o estrelato.

No sábado está garantida a música preta brasileira com Joabe Reis, renomado jazzista vai subir ao palco com sua banda afiada, e seu inconfundível trombone, para tocar sua mistura de jazz, trap, hip-hop e neo-soul, sobretudo faixas calcadas na sonoridade do

Registro de um show impecável

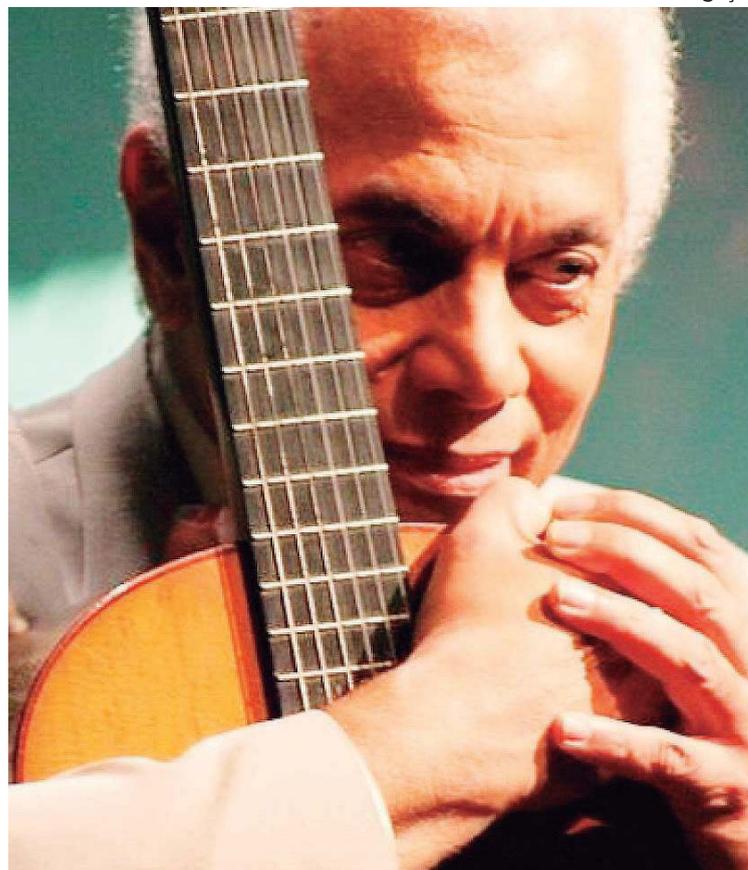
Paulinho da Viola volta ao Qualistage para gravar DVD da festejada turnê de celebração de seus 80 anos

Por **Afonso Nunes**

Na véspera do seu aniversário de 80 anos, em 11 de novembro de 2022, Paulinho da Viola iniciou no palco do Qualistage uma turnê nacional em comemoração à sua brilhante trajetória na música brasileira. O show contava com a direção de Cláudio Botelho e participação dos músicos que acompanham o artista há muitos anos.

Ao longo de 2023, a turnê percorreu mais de 15 cidades em 12 estados brasileiros e foi vista por mais de 50 mil pessoas. Neste sábado (25), às 21h, o lorde do samba retorna ao ponto de partida para a gravação de um DVD que vai registrar este momento especial na carreira deste artista genial.

Pelos olhos, ouvidos e acordes de Paulinho, passou o que de mais expressivo o Brasil produziu nessas oito décadas. O espetáculo revisita o início do artista, desde os tempos



Divulgação

Paulinho repassa seus grandes sucessos no palco

do histórico Show “Rosa de Ouro”, primeira vez os pés num palco ao lado de figuras como Clementina

de Jesus, Aracy Cortes e Zé Keti, passando pelo saudoso tempo dos festivais onde “Sinal Fechado” dá o primeiro lugar a um jovem Paulinho que, de lá para cá, firmou-se como uma voz única e pujante da MPB. E o jovem se fez um senhor que traz consigo a herança dos grandes bambas, sendo ele um também.

Neste show, além dos sucessos marcantes de sua trajetória, Paulinho abre espaço para cantar algumas canções que, embora nunca tenha gravado, fazem parte de sua memória emotiva, e certamente há surpresas guardadas para o público, como novas interpretações de músicas já conhecidas, além de pelo menos uma composição inédita, logo na abertura do espetáculo.

SERVIÇO

PAULINHO DA VIOLA - 80 ANOS

Qualistage (Via Parque Shopping: Av. Ayrton Senna, 3000 - Barra da Tijuca) 25/5, às 21h | Ingressos entre R\$ 70 (meia) e R\$ 320

ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES

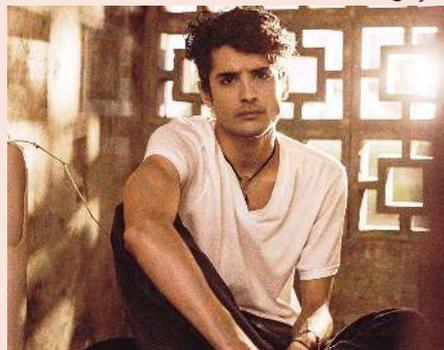
Divulgação



Simone, 50 anos

O show “Tô Voltando” celebra neste sábado (25), às 21h, no Vivo Rio, os 50 anos de carreira da cigarra Simone que percorre, clássico por clássico, sua imensa trajetória como uma das maiores intérpretes da música brasileira. O roteiro faz um apanhado das grandes canções que a artista lançou: joias escritas por nomes como Milton Nascimento, Ivan Lins, Sueli Costa, João Bosco, Martinho da Vila, Gonzaguinha e Chico Buarque.

Bruno Sedano/Divulgação



Vini na real

O cantor, compositor e guitarrista Vini Vercillo é a atração desta sexta-feira (24), às 19h30, no Teatro Rival Petróbras. O artista abre a turnê “Real”, mesmo nome de seu álbum de estreia em que mescla pop-rock, R&B e soul. Vini começou a tocar aos cinco anos de idade, aos dez formou seu primeiro conjunto e, aos 14, já tocava guitarra profissionalmente na banda do pai, Jorge Vercillo, que fará participação especial no show.

Divulgação



Músico lendário

Um dos instrumentistas mais respeitados da nossa cena musical, o contrabaixista Sérgio Barroso, que já tocou com nomes como Tom Jobim, Elis Regina, Sarah Vaughan e Michel Legrand, se apresenta neste sábado (25), ao lado do quarteto de Jazz do Sobrado da Cidade, trazendo o que há de melhor na história da música para o centro cultural da cidade. O show acontece entre 14h e 17h, num local que mistura história, música e gastronomia.

Instituto Rudá/Divulgação



De volta ao Forte

Neste sábado (25), às 18h, a Orquestra Violões do Forte de Copacabana e Shalom retornará ao seu tradicional palco, o Forte de Copacabana, para mais um concerto de sua série mensal no espaço, um dos pontos turísticos cariocas mais visitados. Além dos violões, a Violões do Forte de Copacabana e Shalom reúne instrumentos como clarineta, flauta transversa, saxofone, trompete, trombone, teclado, percussão e bateria.

Um mergulho profundo numa obra genial

Ana Cañas fecha no Vivo Rio a premiada turnê que resgata Belchior

Por Affonso Nunes

A cantora e compositora Ana Cañas não cansa de repetir que o período que dedicou a interpretar e reler a complexa obra do Belchior foi marcante em sua carreira. Tudo começou há três anos com uma live na pandemia, quase que como um estudo. Virou fenômeno de audiência no YouTube, disco bancado por uma campanha de financiamento coletivo e desaguou numa premiada turnê com mais de 180 shows e 100 mil espectadores, que ainda ganhou um DVD. Neste domingo, a artista paulistana encerra esse ciclo com apresentação neste domingo, às

20h, no Vivo Rio, com participação especial de Ana Carolina.

“Eu me transformei totalmente cantando esse repertório. Me atingiu no cerne, na alma. Essa turnê me emocionou tanto... é o momento mais bonito de toda a minha carreira! Encerrá-la com apresentações especiais em casas incríveis, acima de tudo, é o que o Belchior merece! Vai ser muito emocionante!” diz Ana.

Em outras ocasiões, como por exemplo em São Paulo, a cantora dividiu o palco com uma outra grande estrela da mpb: Ney Matogrosso.

Emoção, visceralidade, entrega e paixão são algumas palavras usadas pelo público para descrever o



Divulgação

Ana Cañas num dos shows da turnê, que termina domingo

êxito do show que, além de clássicos como as faixas “Como Nossos Pais”, “Sujeito de Sorte” e “Velha

Roupa Colorida” no repertório mostra uma canção até agora inédita de Belchior chamada “Um Rolê

No Céu”, que foi dada de presente à ela pelos filhos do compositor.

“Quando eu fiz a primeira live eu não imaginava que eu fosse viver o Belchior. É importante dizer que o Brasil tem o Belchior no coração por tudo que eu vi atravessando país. Ele está no nosso panteão das coisas mais importantes que já foram feitas. Sua obra é monumental pois ele é um poeta genial e na minha humilde opinião precisa ser alçado ao lado dos cantores que celebramos como Chico, Milton, Caetano, Gil e Rita Lee. Belchior raramente é citado quando falamos dos maiores”, disse a cantora em entrevista ao Correio Braziliense na ocasião do lançamento do DVD.

Ana estará acompanhada pelos músicos Fabá Jimenez (guitarra e violão), Rovilson Pascoal (violão), Bruno Marcucci (teclado), Estevan Sinkovitz (baixo) e Douglas Maiocchi (bateria).

SERVIÇO

ANA CAÑAS CANTA BELCHIOR

Vivo Rio (Av. Infante Dom Henrique, 85 - Parque do Flamengo)

26/5, às 20h | Ingressos entre R\$ 40 (meia) e R\$ 220

CRÍTICA / DISCO / CONSTELAÇÃO DE PALAVRAS

Por Aquiles Rique Reis*

Um disco surpreendente

Ei, você aí que tem este texto à sua frente, é, você mesmo, sabia que eu tenho um baita orgulho só por imaginar que serei lido? Sim, pois veja: saber que, depois de tanto tempo sendo ouvido através do MPB4, consigo escrever algo que interesse a um admirador da MPB e também aos meus colegas, a quem ofereço minha atenção e minhas palavras, é ótimo! Pôxa, hoje eu tô com elas, as palavras, à flor da pele! E não me envergonho disso, não; ao contrário, me amarro por vê-las aconchegadas aos olhos de um leitor.

Mas sabem o quê? Depois de muito tempo sem ter notícia do Clodo Ferreira (autor, junto com Petrúcio Maia, de “Cebola Cortada”, música gravada pelo MPB4 no álbum “Bons Tempos, Hein?!”, de

1979), ele me manda uma mensagem informando que o seu novo álbum “Constelação de Palavras” (independente) está nas plataformas digitais. E que lá estão dez músicas e letras exclusivamente suas, gravadas apenas por ele cantando e tocando violão.

Uma dúvida ardia os meus miolos: será que um disco só de inéditas, cantadas e tocadas ao violão pelo autor, seria legal? De pronto, botei pra ouvir.

E veio a primeira faixa, “Imprudência”: “É arriscado demais ignorar um amor/ Quando o inferno explode por aí/ Você tem onde dormir e aclarar seu coração (...).”

E veio a segunda, “Cada Dia”: “Desmanchei a fantasia/ Decom-



Divulgação

pus a poesia/ Esqueci canções num canto/ Sem engano/ Pra viver um dia a cada dia/ Na paisagem inocente/ Ou no mar agitado (...).”

E pintou a terceira... Ah, pra quê, galera, arregalei os zóio e deixei seguir... Eu ouvia e a cantiga, tão bela, me pegava de jeito... emocioniei. A danada tem como

título “Tempo Bom” (https://youtu.be/J4DV0h_ZwMU?si=OV860iOZMORkoGjB). Àquela altura, Clodo tocava violão como um... Baden Powell, e cantava, e eu ouvia como se ele fosse um Cauby Peixoto, ah, sei lá: “(...) Mas não se engane/ Não acredite que o mundo está ruindo/ Pense somente que a vida está fluindo/ Só que você não sabe onde vai parar (...).” Meu Deus!

E o álbum rolou inteiro. Desprezadas de suas constelações, as palavras de Clodo eram livres como estrelas cadentes. A tranquilidade com que ele toca o violão só não é mais impressionante do que o timbre de sua voz. Voz que canta as melodias e insufla seus egos de tal forma que elas se deixam seduzir

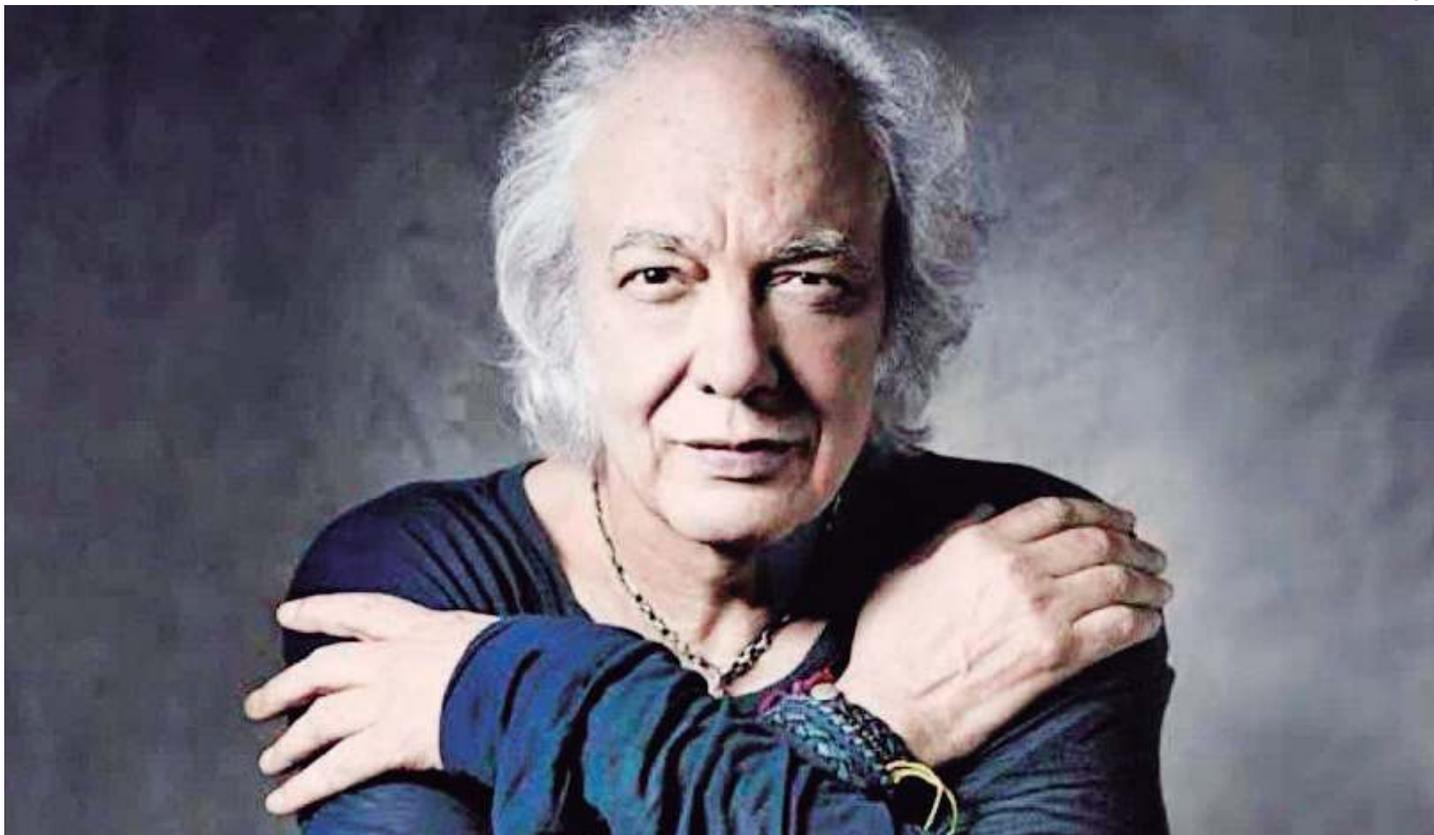
por quem comprova força demonstrando-lhes afeto. A sutileza das composições faz com que elas também se regozijem de serem tocadas por mãos que as colocaram e as trouxeram do pentagrama de volta à vida – conscienciosas, inatas.

Ao final, “Margem” (https://youtu.be/J4DV0h_ZwMU?si=OV860iOZMORkoGjB) “Na beira do rio eu vi/ Versos gravados num monumento/ Rimas de sombra e luz/ Verdades, mitos de encantamento/ Vi minha vida inteira ali/ No peso do concreto/ E chorei na chuva/ Sem sol, sem teto/ Só escutei o seu silêncio/ A margem me abraçou/ Me dizendo apenas: você demorou”. Lindo!

É, Clodo, demorou! Mas quando chegou, maravilhou...

*Vocalista do MPM4 e escritor

Divulgação



Um tributo gigante (e gentil)

Erasmão Carlos ganha disco póstumo com inéditas e participações especiais de Xênia França, Emicida, Chico Chico, Russo Passapusso e Tim Bernardes

Por André Barcinski (Folhapress)

Menos de dois anos após a morte de Erasmão Carlos, o Tremendão é homenageado com uma série de relançamentos e com um álbum de músicas inéditas. Quando morreu, em novembro de 2022, aos 81 anos, Erasmão estava trabalhando com o diretor artístico Marcus Preto em um novo disco. Chegou a completar três faixas, mas sua morte deixou o disco inacabado.

Marcus Preto, o produtor Pupillo Olivei-

ra e o filho de Erasmão, Léo Esteves, completaram o disco usando anotações e versos que Erasmão guardava em cadernos. Esse material serviu de base para que compositores como Tim Bernardes, Nando Reis, Roberta Campos e Arnaldo Antunes finalizassem as canções, gravadas por Xênia França, Emicida, Chico Chico, Russo Passapusso e o próprio Tim Bernardes.

O disco, chamado “Erasmão Esteves”, acaba de sair pela Som Livre. “Esses cadernos do meu pai eram meio bagunçados”, conta Léo Esteves, que há mais de 30 anos cuida com

Erasmão Carlos morreu antes de concluir um novo álbum, deixando apenas três faixas. O restante do álbum-tributo ‘Erasmão Esteves’ vem de um caderno de versos deixados pelo compositor que foram musicados por artistas da nova geração

Divulgação



carinho e dedicação da obra do pai, chamado pelos amigos de Gigante Gentil. “Ele escrevia versos e cartas para minha mãe [Narinha], mas no meio ele também anotava listas de compras, essas coisas.”

Para fãs da obra de Erasmão, a Som Livre acaba de relançar, no Youtube, uma série de seis LPs e seis compactos, que abrangem a carreira do artista durante o período da Jovem Guarda: “A Pescaria” (1965), “Você me Acende” (1966), “Erasmão Carlos” (1967), “O Tremendão” (1967), “Erasmão Carlos” (1968) e “Erasmão Carlos e os Tremendões”

(1969). Os LPs foram originalmente lançados pela RGE, selo que depois foi comprada pela gravadora Som Livre.

Esses discos são importantes não só porque registram a época de Erasmão na Jovem Guarda, mas também por demonstrarem, se ouvidos cronologicamente, o gradual descolamento dele do som escapista e até ingênuo do movimento, em direção a uma música mais complexa e multifacetada. É óbvio, comparando “A Pescaria” com “Erasmão Carlos e os Tremendões”, que o cantor estava decidido a mudar de rumos.

“Meu pai sempre dizia que - Erasmão Carlos e os Tremendões - era o disco mais importante da carreira dele”, diz Léo Esteves. “Foi um disco marcante. Ele estava se mudando de São Paulo para o Rio [o programa da Jovem Guarda era filmado nos estúdios da TV Record, em São Paulo], e começando a conhecer o pessoal da Tropicália, uma turma mais moderna, e isso reflete no disco.”

De fato, “Erasmão Carlos e os Tremendões” é um disco muito distante da Jovem Guarda, incorporando samba, samba-rock, psicodelia, bossa nova, e marca o rompimento do artista com o movimento jovem que o revelou ao país. Essa cisão se aprofundaria logo depois, quando Erasmão saiu da RGE e assinou com a Philips, gravadora mais moderna e “pra frentex” da época, casa de todos os tropicalistas, Jorge Ben Jor e Raul Seixas.

A Philips era comandada por André Midani (1932-2019). Em uma entrevista a Ruy Castro, publicada na revista Playboy, Erasmão falou de sua ida para a gravadora, em 1971. Na época, o cantor passava por um momento de ostracismo. A Jovem Guarda tinha acabado e seus integrantes eram malhados pela crítica e por outros artistas, que os recriminavam por ter feito música comercial e considerada de baixa qualidade.

Liberdade plena

“O André Midani me levou para a Philips, me deu plena liberdade e me disse: ‘Você vai gravar o que quiser, com quem quiser, da forma que quiser’. O primeiro disco de Erasmão na gravadora foi o audacioso “Carlos, Erasmão”, com influências de samba-rock, soul music e rock psicodélico.

A Jovem Guarda acabou, mas Erasmão sobreviveu e criou uma obra das mais importantes do pop-rock brasileiro. Também deu sorte de ter, no filho, um caso raro de herdeiro que entende a importância de divulgar essa obra para as novas gerações.

Por cerca de 30 anos, Léo Esteves criou, com o pai, diversos projetos - discos, shows, tributos - que ajudaram a manter a música de Erasmão no lugar que destaque que merece.

Paulo Victor/Divulgação



Os 15 novos ganhadores das estrelas Michelin do Rio de Janeiro e São Paulo

Guia Michelin de volta

Em noite de premiação, confira os 21 restaurantes que conquistaram a estrela, além dos recomendados

Por **Natasha Sobrinho**

Especial para o Correio da Manhã

Depois de um hiato de quase quatro anos, devido à pandemia, aconteceu na última terça-feira (20), no hotel Copacabana Palace, no Rio de Janeiro, a 7ª Edição Nacional do Guia Michelin, o mais respeitado prêmio gastronômico do mundo.

Foram 140 estabelecimentos recomendados pelo guia francês - disponível apenas em formato digital - sendo que 21 deles receberam a tão desejada estrela (6 cariocas e 15 paulistas). No Rio, o chef Rafa Costa e Silva, conquistou pela primeira vez, com o Lasai, a segunda estrela e se juntou ao Oro, do chef Felipe Bronze e ao Oteque, do chef Alberto Landgraf, que mantiveram duas estrelas.

O Lasai levou também o prêmio de "Sommelier", com o belo trabalho de Maíra Freire com os vinhos naturais e biodinâmi-



O itame André Kawai, do San Omakase, que ganhou pela primeira vez uma estrela Michelin

cos. Quem entrou pela primeira vez para a lista dos restaurantes estrelados foi o carioca San Omakase, com o chef André Kawai, que se juntou ao chef Nello Cassese do Cipriani e



Maíra Freire, do Lasai, levou o prêmio de Sommelier

Paulo Victor/Divulgação



Casa do Porco, Corrutela e Tuju: os vencedores do prêmio Estrela Verde, pela primeira vez no Brasil

ao chef Alberto Morisawa, do Mee, com uma estrela.

Uma novidade no Brasil foi a Estrela Verde, para restaurantes sustentáveis. Os ga-

O MICHELIN INDICA

Veja a lista completa dos restaurantes do Rio e São Paulo, agraciados pelo Guia Michelin 2024:

RIO DE JANEIRO

DUAS ESTRELAS
 ▶▶ Lasai
 ▶▶ Oro
 ▶▶ Oteque

ESTRELA VERDE

▶▶ A Casa do Porco
 ▶▶ Corrutela
 ▶▶ Tuju

Bib Gourmand

(boa qualidade e bom preço)

UMA ESTRELA
 ▶▶ Cipriani
 ▶▶ Mee
 ▶▶ Sala San Omakase

▶▶ A Baianeira
 ▶▶ A Baianeira – Omakase
 ▶▶ MASP

▶▶ AE! Café e Cozinha

Bib Gourmand

(boa qualidade e bom preço)

▶▶ Artigiano
 ▶▶ Brota
 ▶▶ Didier
 ▶▶ Maria e o Boi
 ▶▶ Miam Miam
 ▶▶ Pici Trattoria
 ▶▶ Sult

▶▶ Balaio IMS
 ▶▶ Banzeiro

▶▶ Barú
 ▶▶ Marisquería

▶▶ Bistro de Paris
 ▶▶ Brasserie Victoria

▶▶ Capim Santo
 ▶▶ Cora

▶▶ Corrutela

SÃO PAULO

DUAS ESTRELAS
 ▶▶ D.O.M.
 ▶▶ Ewai
 ▶▶ Tuju

▶▶ Cuia

▶▶ Ecully Gastronomia

▶▶ Feriae

▶▶ Fitó

▶▶ Komah

▶▶ Kotori

UMA ESTRELA

▶▶ Fame Osteria

▶▶ Huto

▶▶ Jun Sakamoto

▶▶ Kan Suke

▶▶ Kazuo

▶▶ Kinoshita

▶▶ Kuro

▶▶ Maní

▶▶ Murakami

▶▶ Oizumi Sushi

▶▶ Picchi

▶▶ Tangará Jean-Georges

▶▶ Le Bife

▶▶ Manioca

▶▶ Mocotó

▶▶ Mocotó Vila

▶▶ Leopoldina

▶▶ Nomo

▶▶ Petí

Gastronomia

▶▶ Piu

▶▶ Higienópolis

▶▶ Piu Pinheiros

▶▶ Shihoma

▶▶ Pasta Fresca

▶▶ The Kith

▶▶ TonTon

▶▶ Tordesilhas

▶▶ Zena Cucina

nhadores foram três estabelecimentos de São Paulo: a Casa do Porco, Corrutela e Tuju. Nenhuma casa conquistou a pontuação máxima, de três estrelas.